

PRÓLOGO: ECOS DE UMA ERA PERDIDA

"Elyxion não foi forjada pela paz, mas pela cicatriz da ruína. E é na memória do que se perdeu que o mundo ancora sua esperança — ou seu ódio."

— O Silêncio Após o Fim —

Milhares de anos antes do presente, quando os céus ainda eram trincheiras de luz entre os Deuses, e os continentes dançavam como colossos instáveis sobre os oceanos primordiais, o mundo conheceu sua primeira ruína. Chamaram-na de A Cisão, e dizem os pergaminhos antigos que ela não foi causada por uma guerra entre povos — mas entre ideias.

Três pilares sustentavam o firmamento: A Ordem, O Equilíbrio e O Caos — filhos diretos dos Primordiais, moldados pelas vontades de forças incompreensíveis. A Tríade da Ordem desejava a unificação, o domínio absoluto das leis celestes sobre o livre-arbítrio. A Tríade do Equilíbrio acreditava no ciclo eterno de renovação — vida, morte e renascimento. Já a Tríade do Caos ansiava por quebra, liberdade absoluta, evolução por meio da destruição. Cada Tríade erguia civilizações, moldava doutrinas e inspirava reis e tiranos. No entanto, como todo sistema fechado, a tensão aumentou até transbordar.

Acima desses pilares existia Velkhaar, o Deus-Ômega. Dizem que contemplou o destino e enlouqueceu. Ou talvez tenha se iluminado. Alguns o consideram traidor, outros um mártir, afinal, em uma noite onde todas as estrelas se apagaram por um breve instante, Velkhaar desapareceu, sem deixar rastros, ou talvez só não tenha sobrado um.

Em sua queda, a terra se partiu em mil fragmentos. O panteão se desequilibrou. Deuses entraram em conflito. Portais colapsaram.

Seu templo, que flutuava sobre o mar dos ventos eternos, caiu do céu como um cometa fúnebre. É dito que os seus sacerdotes e devotos, os quais estavam na ilha, não lutaram contra seu fim, não se deram ao trabalho. Uma de suas doutrinas é que tudo está fadado ao fim, e eles não eram diferentes, e por isso, nada fizeram. Fanáticos, de fato.

O continente de Myriath, lar das Bibliotecas Eternas e dos Sábios-Sentinelas, sumiu em uma explosão de luz roxa, deixando atrás de si uma cratera onde o tempo parece não se mover.

Os Reinos de Fynros, célebres por seus castelos forjados com ossos de dragões e espelhos dimensionais, foram engolidos por uma tempestade de fogo branco — diz-se que foi o suspiro final de Ilzaria tentando selar o plano mortal.

Nas planícies de Etherath, onde os ventos jamais cessavam, o céu sangrou por dias, os rios tornaram-se vermelhos, e os ecos dos mortos ainda assombram quem se atreve a passar por ali.

E então... silêncio.

Das cinzas, ergueu-se o novo mundo. E seu nome foi sussurrado pelos ventos como um sussurro de reconciliação: **Elyxion**.

////////////////////////////////////
////////

— As Eras Quebradas —

Três grandes eras vieram após A Cisão. Cada uma marcada por falsos renascimentos e esperanças assassinadas:

- **A Era das Cúpulas:** quando os sobreviventes, abrigados sob domos mágicos forjados por conjuradores da Tríade do Equilíbrio, tentaram reconstruir suas culturas. Palácios flutuantes eram mantidos por runas ancestrais, e as escolas arcanas se espalhavam como sementes em solo fértil. Contudo, à medida que os dogmas da Ordem retornavam e os rituais da fé eram corrompidos por interesses políticos, iniciou-se a queda. Revoltas de magos contra templos e inquisidores. Cidades foram transformadas em ruínas encantadas, preservadas no tempo como advertência.
- **A Era do Juramento Sombrio:** marcada pelo surgimento de pactos profanos com entidades ancestrais esquecidas — os Vultos do Vazio. Magos desesperados, sacerdotes desacreditados e reis enlouquecidos venderam suas almas por conhecimento proibido. Três luas negras surgiram, e com elas os Arcontes Sombrios, semideuses de carne etérea que caminhavam entre os homens, disseminando loucura. A era terminou com o ritual dos Nove Mil Ecos, um sacrifício coletivo de cerca de noventa mil vidas que selou os portões do Abismo, os quais, jamais deveriam ter sido abertos.
- **A Era da Fratura Velada:** a atual. Governos divididos, uma paz frágil sustentada por acordos comerciais e diplomáticos. Heróis tornaram-se senadores, líderes espirituais foram comprados por tronos. A Concordata dos

```

////////////////////////////////////
////////

```

No centro do continente está Virelya, a joia partida do mundo. Localizada na interseção das linhas ley mais antigas, a cidade pulsa como um coração de pedra viva. Capital do antigo Império de Ilthar e atual sede da Concordata dos Nove Reinos, suas muralhas são forjadas em cristal negro e aço de runa, refletindo o céu em padrões distorcidos. A arquitetura mistura colunas flutuantes de mármore celestial com cúpulas forjadas a partir dos restos da fortaleza de Velkhaar.

Os Custódios da Luz Partida, guerreiros-paladinos ligados ao juramento quebrado de Ilzaria, patrulham a cidade, divididos entre fé e dúvida.

////////////////////////////////////
////////

- O rei de Tharnor viu sua coroa derreter em chamas negras enquanto seu povo aplaudia.
- A Vigia cega de Larneth viu a si mesma guiando uma horda de demônios, em júbilo.
- Um andarilho sem nome, encapuzado e calado, viu Elyxion inteira sangrando pelas montanhas, chorando luz e escuridão.

3

"Quando o Portador do Silêncio levantar sua voz, Elyxion será julgada. Por espada, por fé... ou por memória."

Alguns caíram em pranto. Outros enlouqueceram. Alguns desapareceram na mesma noite. A profecia não oferecia salvação — apenas escolha.

E com isso, o caos, que apenas dormia, começou a se mover novamente.

////////////////////////////////////
////////

— Os Sussurros da Tríade do Caos —

As seitas de Zhor'Kal, Mynza e Skaaroth se intensificaram. Cidades desapareceram. Em Mireval, corpos foram deixados empalados em formações rituais, olhos arrancados e bocas seladas com ouro líquido. Em Kar'thel, sacerdotes enlouqueceram em seus púlpitos, gritando hinos invertidos enquanto suas peles se desfaziam em luz púrpura.

Criaturas do Éter — nascidas de medos coletivos, como os Gritos Brancos ou os Filhos da Máscara — começaram a surgir nos limites entre sonhos e realidade. Pesadelos andam entre os vivos, e não são mais apenas lendas contadas nas vilas.

As seitas não atacam ao acaso — deixam mensagens enigmáticas:

"A verdade é o crime eterno."

"Toda ordem é uma mentira sustentada pela repetição."

"Velkhaar cairá de novo. E com ele, todos os nomes."

Em meio a todo esse caos, os Vigilantes de Nahalia, pesquisadores e andarilhos da luz do equilíbrio, encontraram inscrições em ruínas que contradizem toda a história oficial da Criação. Manuscritos em idiomas que ninguém se lembrava de ter criado. Uma runa em espiral que aparece em cada canto — inclusive no sangue de seus próprios sonhos.

Os Sacerdotes de Ilzaria, em meditações profundas, ouvem canções distorcidas em seus rituais, e sua conexão com a deusa parece corrompida. Alguns começaram a duvidar que Ilzaria ainda exista. Ou pior: que ela tenha sido substituída.

A fé rui. Não por heresia, mas por ausência de resposta.

O mundo sente algo se aproximando. Algo que não é uma guerra comum.

Algo que é o fim da mentira chamada realidade.

////////////////////////////////////
////////

— O Silêncio Antes da Voz —

Enquanto os grandes Reinos se armam em segredo e os Deuses sussurram aos escolhidos, uma criança caminha pelas ruínas de Thar'Noon, uma vila esquecida nos mapas. Seus olhos são cinzentos como pedra de lua. Sua pele, marcada por runas que ninguém ensinou.

Ela para. Olha o céu.

E o mundo — o próprio mundo — prende a respiração.

Ela ainda não sabe seu nome.

Mas sua voz... trará o som que quebrará o mundo ou o unirá.

E esta é a história de como **os heróis se tornam mitos**, e de como os mitos retornam para pedir vingança.

Capítulo 1: O Som do Primeiro Passo

*"Aqueles que caminham sem nome escutam o chamado antes do mundo." —
Ritos Silenciosos, I:4*

As folhas mortas estalavam sob os pés descalços da menina enquanto a brisa fria serpenteava pelas árvores caladas de Thar'Noon. Cada sopro do vento parecia tocar uma memória antiga, como dedos invisíveis folheando as páginas esquecidas do mundo. O entardecer tingia os galhos nus com um dourado sombrio, como se o próprio céu chorasse silenciosamente sobre a terra.

Lyea andava devagar, com passos leves, quase como se pedisse desculpas ao solo por tocá-lo. Os cabelos escuros caíam em fios desalinhados sobre o rosto pálido e sujo. Tinha o rosto fino, de traços delicados, olhos grandes e cinzentos como cinzas de um fogo que nunca mais se reacendeu. Vestia uma túnica puída demais para aquecer, mas não parecia sentir frio. Não do tipo que vinha de fora, ao menos.

Ela não sabia quantos dias haviam se passado desde que deixara o orfanato de pedra nos arredores de Ethralyn, nem por que suas pernas insistiam em levá-la cada vez mais fundo na floresta ancestral. Só sabia que precisava ir. Como se algo a puxasse por dentro. Como se uma canção sem som sussurrasse para ela — nos ossos, na pele, no sangue.

"Não é um sonho... É como lembrar de algo que ainda não aconteceu."

Ela murmurava para si mesma, como quem busca manter-se desperta dentro da própria mente.

O mundo ao redor era quieto demais. Nem pássaros, nem grilos. Apenas o som distante das folhas que se mexiam como véus. E o frio. Não cortante, mas profundo, o tipo que se instala nas lembranças, não no corpo.

Thar'Noon. Um nome que ouvira nos contos sussurrados pelos velhos do orfanato — um vilarejo consumido pela terra quando os Céus foram rasgados na Cisão. Mas não havia vila ali. Só ruínas dispersas, meio engolidas pela floresta. Como cicatrizes mal fechadas.

E no centro de tudo, ela viu.

A torre caída.

Erguia-se como um dedo amputado apontando para o nada. Blocos de pedra cobertos de musgo, afundados no chão como se a terra tentasse esquecê-los. Estava quebrada, partida em dois. E ainda assim, impunha silêncio ao lugar como um altar profanado.

— É aqui — , disse Lyea, mais para o ar do que para si mesma. — Se eu fechar os olhos... eu escuto.

Não era uma voz comum. Era um ritmo. Um *chamado* que batia no mesmo compasso de seu coração.

Ela se aproximou da base da torre. Entre os escombros, uma passagem coberta por trepadeiras se revelava. Um arco em meia-lua — lascado, irregular, mas claramente esculpido por mãos humanas ou... algo próximo disso. Além dele, uma escadaria descia.

Negra como breu.

Ela respirou fundo, hesitou. Os dedos trêmulos tocavam o ar como se esperassem ser puxados de volta.

— Talvez... ninguém devesse entrar aqui —, murmurou. — Mas... e se for *por* isso que eu existo?

Hesitante, ela respirou fundo, como que buscando forças, e desceu.

Cada degrau rangia baixo, como ossos velhos se movendo sob o peso do mundo. O ar ia se tornando espesso, úmido, quase líquido. As paredes eram apertadas no início — pedra crua, úmida, esculpida em ângulos tortos que a faziam se sentir... observada. Logo, os corredores se alargaram, e as paredes passaram a exibir runas apagadas que queimavam em seus olhos, mesmo sem luz.

— Eu conheço isso. Não deveria conhecer, mas conheço.

Ela parou. Encostou a mão numa das runas. Ao passar os dedos por elas, sentiu um calafrio subir pela espinha e atravessou sua pele como se algo tivesse a reconhecido de volta.

— Como eu conheço isso?

Mas não havia resposta. Apenas o som de seus passos, e mesmo esse soava abafado. O silêncio não era ausência. Era *presença*. Algo ali *ouvira*.

Após o que pareciam horas descendo, a escadaria se abriu. E ela entrou.

A câmara era vasta. Circular. O teto abobadado, rachado, deixava entrar uma fímbria de luz cinzenta, tímida. Pilares partidos emolduravam o espaço, erguidos como velhos sentinelas, cada um com inscrições que pulsavam fracamente. No centro, suspenso no ar, como se preso por um fio invisível, flutuava um fragmento de espelho.

Pequeno.

Irregular.

Frágil.

E impossivelmente... *vivo*.

Ela se aproximou com passos lentos. O chão era liso, frio, coberto de um pó antigo. O ar ficou denso, como se segurasse o próprio fôlego.

Não havia som — nem de sua respiração. E então, o fragmento brilhou. Uma única pulsação — como um coração distante chamando pelo seu.

Lyea estendeu a mão.

O espelho não refletia. Dentro dele, girava um redemoinho de sombras, e — por um instante que durou eternidades — ela viu algo emergir.

Uma figura.

Alta.

Encapuzada.

Feita de névoa.

Os olhos... não eram olhos. Eram buracos na realidade. Dois abismos negros que pareciam sugar tudo ao redor. A figura não se movia. Apenas *era*.

E então, ela falou.

Não com voz. Com *presença*.

— Você quebrou o primeiro selo. O silêncio moveu-se. Preparem o Julgamento.

As palavras não soaram nos ouvidos. Vibraram no interior dos ossos. Cada sílaba parecia moldada em metal quente, gravada em sua essência.

Lyea cambaleou para trás. O fragmento caiu.

Mas o som do estilhaço foi como um trovão. Era como se o tempo tivesse esperado por aquele momento. Como se toda a criação estivesse presa atrás daquele fragmento, aguardando que alguém o deixasse cair.

A câmara tremeu. O chão se partiu em linhas tênues. Dos cantos, sombras começaram a escorrer como fumaça líquida. Elas se erguiam lentamente, contorcendo-se, assumindo formas breves e esquecidas, como lembranças de monstros antigos.

— O que eu fiz...?

A figura no espelho... *não desapareceu* com o estilhaço.

Ela estava lá.

Agora diante dela.

Não mais dentro.

Mas... *aqui*.

O manto tremulava como tecido sem vento. Os olhos — os abismos — não piscavam. Não se moviam. E mesmo assim, ela sentia que olhavam para dentro dela.

— Lyea, murmurou a voz sem som. — Você é a chave que não deveria existir.

E então, com o uivo de um vento impossível, a figura foi consumida por um turbilhão de sombras e desapareceu.

As chamas das runas reacenderam, gritando em uma língua esquecida. A escadaria atrás dela desapareceu — engolida por um muro de trevas. As sombras ao redor começaram a se mover em espiral, girando em torno da menina como se dançassem ao som de uma música enterrada.

Ela caiu de joelhos.

— Eu não entendo... *por que eu?*

Mas algo dentro dela... *entendia*.

Na última batida antes que a escuridão a tomasse, ela sentiu.

Não medo.

Mas... *pertencimento*.

Como se aquele momento sempre tivesse sido parte de quem ela era.

E então, no silêncio absoluto, Lyea sussurrou:

— Eu... quebrei o mundo.

E as sombras a abraçaram.

Capítulo 2: O Eco do Selo Quebrado

“Sete Selos foram escritos nas veias do mundo, e cada um guarda um espelho do que não deve ser. Quando o Primeiro cair, os espelhos se partirão... e a lembrança caminhará.” — Livro da Primeira Luz, Verso 13:4, Arcanografia Solar.

— Sede Solar de Virestel, Santuário de Auren’Val —

O sol nascente tingia de dourado as torres brancas da Cidadela Solar de Virestel. Era o último dia do **Festival das Sete Chamas**, e a cidade pulsava como um coração devoto. Risos e música ecoavam entre as colunas cintilantes dos pátios, onde crianças corriam com fitas incandescentes e fiéis subiam as escadarias dos templos com oferendas nas mãos.

No claustro interno, acólitos ensaiavam ritos de equilíbrio, equilibrando cálices de néctar solar sobre a cabeça entre risos e trocas de provocações sagradas.

— Se cair uma gota, Auren’Val vai te selar os olhos! — brincou um dos jovens, com tranças douradas nos cabelos.

— Então que Ele esteja de bom humor hoje... — respondeu outro, sorrindo ao se aproximar do grupo de sacerdotes mais antigos.

No topo da **Torre do Coração de Fogo**, os vitrais tremeluziam com o brilho do amanhecer. Lá, **Kael Veydrann**, **Vigia Ascendente da Ordem de Nahalia**, caminhava em silêncio, o leve tilintar de seu sino ritual ecoando como um lembrete da vigilância sagrada. Trazia consigo o **Fragmento da Primeira Luz**, um códice ancestral que poucos ousavam tocar.

No salão da bênção final, **Elenna Thayrel**, vestida com túnicas leves bordadas com constelações esquecidas, organizava as oferendas diante do altar. Ao redor, noviços ajustavam os círculos de luz suspensos, entoando salmos antigos que pareciam mais frágeis a cada geração.

— Kael, — disse ela, virando-se com um brilho sereno nos olhos âmbar — ouvi dizer que um bardo cantou sobre a ‘Filha da Aurora’ no mercado. Dizem que alguns fiéis caíram em transe só de ouvir.

— A canção é semente para o despertar, Elenna, — respondeu Kael, depositando o livro sobre o altar. — Mas até a semente certa pode florescer em solo amaldiçoado. Nem toda luz vem do céu certo.

Ela riu suavemente. Por um instante, o mundo pareceu inteiro.

Então, a luz morreu.

As chamas curvaram-se como se dobradas por um sopro invisível. Os vitrais escureceram, distorcendo os rostos dos deuses neles pintados. E os sinos — que jamais tocavam sem a mão mortal — soaram sozinhos.

O riso cessou.

Elenna deixou cair a oferenda que segurava. A fruta dourada estalou no chão como um ovo rachado.

Kael ergueu os olhos para o vitral de Auren'Val. A imagem divina cintilou... e por um momento impossível, **uma sombra encapuzada substituiu o rosto do deus**.

— Não é um delírio... — murmurou Elenna, com a voz rarefeita. — Isso... é real.

O ar pesou como chumbo. Kael sentiu o **eco das Escrituras Veladas** ressoar dentro do crânio, e uma dor súbita atravessou seu peito.

Então ele viu.

Veias em seus braços brilharam com um padrão esquecido — **o Sinal da Torre Partida**, selado nos ossos dos Vigilantes apenas para emergências de eras esquecidas.

— O Primeiro Selo... — sussurrou Kael, cambaleando. — Não... agora não... o Julgamento não era para esta era...

O chão tremeu.

Veteranos caíram de joelhos. Um acólito gritou e desmaiou com sangue nos ouvidos. As vozes das orações dissolveram-se no caos. Uma noviça começou a murmurar que “o céu estava morrendo”.

E então, **a visão**.

Kael sentiu-se ser arrancado de si mesmo, sugado para dentro de um silêncio absoluto. O mundo desapareceu. Tudo.

Ele viu um **campo de cinzas**, onde estrelas caíam como brasas.

Uma **menina de olhos cinzentos**, sozinha, caminhava entre sombras que choravam.

Uma torre flamejante desabava, e dentro dela, uma mulher de olhos dourados gritava o nome de alguém que já não existia.

E então, **Lyea**.

A menina olhou para ele.

Seus olhos tornaram-se espelhos. Kael viu a si mesmo ajoelhado, coberto de sangue, implorando perdão.

"Quem é você?", ele quis perguntar.

Mas a resposta veio antes:

— A que você traiu. A que você perdeu. A que ninguém deve lembrar.

O mundo se partiu como vidro.

A luz voltou — **fria, pálida, quebrada.**

Kael caiu de joelhos, gritando entre suor e lágrimas.

— Ela... está de volta... — murmurou. — A Fratura... começou...

Ao redor, o nome ecoava, mesmo sem ser dito com coragem:

"Lyea... Lyea..."

As chamas hesitaram ao reacender. Os vitrais brilharam trêmulos. A realidade retornou, mas corrompida — como um espelho colado por mãos tremendo.

Kael, ofegante, lutava contra o colapso da mente e da fé. Seus olhos estavam tomados por terror e lembrança.

Elenna se aproximou, hesitante, a voz rouca:

— Vigia Kael... o que foi isso? Quem era aquela... figura?

Ele não respondeu de imediato. Fitou o mural do Deus-Sol, agora restaurado. Mas sentia... **a sombra ainda estava ali.**

— O nome não deveria ter saído dos meus lábios... — murmurou. — Mas já estava dentro de mim.

Um jovem acólito, trêmulo, perguntou:

— Foi... um Sinal? Como nas lendas da Profecia Esquecida?

Kael se levantou com dificuldade, os olhos mais antigos do que instantes atrás.

— Mais que um sinal. Foi a **ruptura de um pacto.** O Primeiro Selo caiu.

Elenna recuou, como se as palavras tivessem peso.

— Mas... o Primeiro Selo guarda o Véu sobre o Coração, — sussurrou. — Dizia-se que só cairia se o mundo negasse o Julgamento...

— ...ou se o Julgamento se **adiantasse**, — respondeu Kael. — Antes da hora. Antes da escolha. Antes do perdão.

Silêncio.

Até que um sacerdote idoso, com a voz vacilante, quebrou o vazio:

— Você disse um nome. Um nome esquecido. Ou escondido.

Kael fechou os olhos. Quando abriu, falou com a voz de um homem quebrado:

— **Lyea.**

Ninguém ousou repetir.

Um vento gélido atravessou o santuário, embora todas as janelas estivessem fechadas.

Elenna se aproximou mais uma vez, voz trêmula:

— O que devemos fazer agora?

Kael respirou fundo, olhos perdidos na torre ainda pulsante ao longe.

— Rezem.

Virou-se lentamente.

— Rezem como nunca antes.

E se afastou, deixando para trás **sacerdotes em silêncio, acólitos de joelhos... e um nome que não pertencia mais ao tempo.**

////////////////////////////////////
////////

— Templo Velado de Nahalia, Ruínas Sagradas de Vareth —

O som da chuva sobre as pedras antigas preenchia o ar como um manto constante. No coração do templo esquecido, a **Vigia-Mãe Therys** sentava-se diante da bacia oracular, os olhos cobertos pela venda ritual que usava desde o dia em que jurara silêncio ao Julgamento.

Ao seu lado, **Aeyen**, um de seus discípulos mais antigos, colocava folhas de chá quente sobre a brasa ritual enquanto a neblina suave do vapor encantado subia entre eles.

— Ele chegou lá ao amanhecer? — perguntou Therys, com a voz baixa e rouca.

— Chegou ontem à noite, silencioso como sempre. Preferiu dormir nos jardins da vigília, segundo me disseram. Disse que os salmos de Auren'Val o incomodam menos ao ar livre.

Therys sorriu levemente sob o véu.

— Ele sempre teve dificuldade com doutrinas muito... luminosas.

Aeyen riu com o canto da boca.

— Com qualquer coisa que vibre acima do tom da dúvida, na verdade.

— É por isso que o enviei, — disse Therys, firmando os dedos sobre o cálice da visão. — Virestel é luz que se recusa a olhar para a sombra. Alguém precisava ver o que os outros se recusam a enxergar.

Aeyen assentiu, depois hesitou antes de perguntar:

— Você acha que ele vai suportar o que encontrar lá?

— Kael foi forjado entre fendas de fé, — respondeu Therys. — Ele resiste não porque acredita, mas porque **precisa entender**. É o mais próximo que temos de um julgamento justo.

Houve um breve silêncio entre eles. O vapor da bacia começou a brilhar com leveza — o sinal de que a **visão estava prestes a abrir-se**.

Therys pousou os dedos sobre a borda da prata viva e falou baixo, quase como um sussurro para o mundo:

— Hoje o Véu vai se agitar. E se tremer lá... tremerá aqui também.

Aeyen respirou fundo.

— Os ecos estão mais fortes. Há três noites vi o espelho rachado de novo. Com ela...

— Não diga o nome, — interrompeu Therys. — Não agora. Nem aqui. Apenas observe.

Ela inclinou-se, e tocou a água.

Então o mundo que conheciam partiu-se.

A visão não se abriu — **foi rasgada**.

Therys, de olhos vendados e alma calejada por visões há muito esquecidas, cambaleou para trás. A bacia de prata onde fluía a água oracular explodiu em vapor escuro, lançando névoas espectrais pelo salão ritual.

Os jovens videntes que a acompanhavam gritaram quase em uníssono, como se a dor não fosse deles, mas do próprio mundo. Um deles sangrava pelos olhos. Outro

murmurava palavras em línguas mortas, ancestrais demais para serem catalogadas. Um terceiro desenhou runas no chão com as próprias unhas, a carne se rasgando até os ossos, enquanto balbuciava frases que faziam sangrar os ouvidos dos que tentavam entender.

A pressão sobre Therys era insuportável. Algo esmagava seu crânio de dentro para fora. Mas ela, cega por escolha, viu.

E o que viu... não devia ser visto.

Por um instante, ela esteve fora do tempo, além do espaço. O véu da realidade, que sempre filtra a insanidade do abismo, se abriu. Por um instante apenas.

E nesse instante, ela contemplou uma menina de olhos cinzentos, imóvel, diante de um espelho quebrado que refletia todas as eras — passadas e por vir.

O espelho estilhaçava não imagens, mas realidades.

E então, uma voz. Não dita ao ouvido, mas gravada no osso, como se o próprio pensamento tivesse sido violado:

"Lyea.."

A Vigia-Mãe gritou. A venda sobre seus olhos, feita de tecido sagrado, escureceu de súbito, encharcada de sangue.

Ela caiu de joelhos, arfando. Os jovens videntes contorciam-se no chão, e os ecos da visão ainda reverberavam nas pedras antigas do templo.

Aeyen, tocando seu ombro com mãos trêmulas, perguntou:

— Vigia-Mãe... o que foi isso? Está... viva?

Therys não respondeu de imediato. Seu corpo tremia, mas era o mundo que parecia frágil sob seus dedos. Ela apertou os olhos vendados, agora inúteis até mesmo para o silêncio que os protegia.

— Não foi uma profecia... — ela sibilou, com a voz fraca como um fio de vela prestes a se apagar. — Foi um retorno. Uma ruptura. Vi algo que não devia ser visto.

— A menina... — disse outro jovem, arrastando-se até ela. — Todos nós vimos. Ou achamos que vimos. Ela olhava pra gente. Ela... ela sorriu.

Aeyen empalideceu.

— Isso não era um eco... era uma presença.

Therys cerrou os punhos com força. A dor ainda queimava, mas era secundária ao peso do conhecimento. Ela falou com esforço:

— Um nome antigo foi sussurrado. Um nome enterrado sob os juramentos do tempo.

— Qual nome? — Aeyen perguntou, temendo a resposta.

Ela hesitou.

— Lyea..

Todos silenciaram. O nome parecia... vibrar. Desalinhava os pensamentos, como uma corda tensa prestes a estalar.

Therys se apoiou em Aeyen para se levantar.

— Reúnam os outros Vigias. Lacrem as visões. Proíbam os sonhos por sete noites. E tragam os registros do Ciclo Perdido.

Ela virou o rosto para a bacia destruída e, mesmo sem olhos, viu o reflexo de algo se afastando na superfície escura e partida.

— Algo se abriu. E se não fecharmos... ela vai entrar.

O som do vento soprou pelas ruínas, mas naquele instante, todos jurariam que o sussurro que o acompanhava não era de Nahalia — mas de algo muito mais antigo.

////////////////////////////////////
////////

— Fronteiras do Reino de Fynros, Trincheiras de Sombras —

A noite caiu antes do previsto.

O céu, antes estrelado, foi tomado por nuvens cinzentas que giravam lentamente, como um olho prestes a se abrir. O vento carregava o cheiro de ferro e algo mais antigo — umidade de túmulo, poeira de ossos.

Nas trincheiras abandonadas da última guerra mágica, os corpos enterrados começaram a emitir um brilho tênue. O silêncio era absoluto, exceto pelo crepitar baixo das tochas e o sussurro de soldados inquietos.

— Isso tá estranho, capitão — murmurou o sentinela Krav, segurando a lança com força suficiente para ranger os nós dos dedos. — A noite não devia cair tão cedo, não assim...

— Mantenham a formação — respondeu o capitão Maer Drelan, de pé sobre a borda de uma trincheira, observando as torres distantes com os binóculos mágicos.
— Relatem qualquer anomalia.

— Relatar? — resmungou o sargento Elfor, mascando folhas secas. — A terra tá brilhando, os mortos tão se mexendo... É mais que anomalia, senhor.

Nas torres de vigia, sinos começaram a soar — não por toque humano, mas pela vibração do solo. Luzes azuladas brotaram das covas e poços. Os soldados recuaram, apontando armas que sabiam ser inúteis contra espectros.

— Pelos deuses... — exclamou uma arqueira, caída de joelhos. — Eles estão nos olhando.

Dos túmulos ergueram-se fantasmas azulados, translúcidos, portando armaduras rachadas e espadas quebradas. Um deles, mais velho e inteiro que os outros, virou-se diretamente para a torre central. Seu semblante era sereno, mas seus olhos eram abismos.

Seus lábios não se moveram, mas a voz ecoou como trovão suave dentro de cada ossatura viva:

— Enfim desperta... o Último Sangue foi tocado. O Coração de Elyxion... pulsa novamente.

No forte mais próximo, Maer Drelan estremeceu. A Marca da Torre Espiral, tatuada em seu ombro anos atrás durante um ritual de bravura, queimou como brasa viva. Seu rosto empalideceu.

— Não pode ser... — ele murmurou. — Os Ecos estavam certos. A Herdeira da Fratura... vive?

Ele se virou para seus homens, mas todos estavam paralisados. Alguns choravam em silêncio, outros murmuravam orações esquecidas.

— Krav, Elfor, posição defensiva! Protejam os portões!

— Capitão... — Elfor tremia. — Eu vi minha esposa entre eles... Ela morreu na guerra de Etherath.

— São apenas ecos! — gritou Maer, ainda que sua própria voz vacilasse. — Não deixe que entrem na sua mente!

Nas sombras da floresta morta, olhos observavam. Do lado oposto da fronteira, espiões do reino de Narekh, inimigos antigos de Fynros, assistiam às luzes e espectros se erguerem.

— Eles despertaram os mortos? — disse o mago infiltrado, de olhos cobertos por runas.

— Não — respondeu sua superiora, uma mulher de pele cinzenta e olhos dourados.
— Não é feitiçaria. É algo mais antigo. Algo que nem mesmo os nossos mestres ousaram provocar.

De volta às trincheiras, Maer Drelan ergueu o olhar ao céu. As nuvens giravam mais rápido, como um redemoinho prestes a colapsar o firmamento. E então, o vento soprou. Um uivo. Um nome.

— Lyea.

Todos ouviram.

Os soldados caíram de joelhos.

O arqueiro mais novo, Orlen, deixou cair o arco. — Eu... eu vi ela. Uma menina...
diante de um espelho... Ela me olhou.

— Silêncio! — gritou Maer, mas sua voz foi engolida pelo silêncio sobrenatural que veio logo após o nome.

Ninguém ousou se mover.

Cada soldado sentia o peso da eternidade cair sobre os ombros. Não como uma ameaça, mas como uma verdade inevitável. Eles não estavam testemunhando o início de uma batalha. Estavam diante do retorno de algo que jamais deveria ter voltado.

////////////////////////////////////
////////

— Interior das Montanhas Eclípticas, Templo Secreto de Skaaroth

O ar dentro do templo estava pesado, denso como se o próprio espaço estivesse preso em contenção. O altar, uma mesa de obsidiana manchada de sangue antigo, era cercado por ossos dispostos em padrões circulares e velas negras que ardiam em silêncio desde o último ciclo lunar.

Cânticos guturais ecoavam nas paredes da caverna viva, proferidos por dezenas de acólitos ajoelhados em posição fetal, com as testas encostadas ao chão de pedra fria. Suas vozes se fundiam em uma única melodia dissonante — uma prece sem palavras, destinada a algo que existia antes do tempo.

Mas então... silêncio.

As velas se apagaram de uma vez só, como se o ar tivesse sido sugado por algo invisível. Um frio cortante atravessou a pele de cada cultista. Um murmúrio coletivo de inquietação percorreu o salão.

— O que foi isso? — sussurrou um dos noviços, tremendo.

— Silêncio... Ele está observando, — rosnou um acólito mais velho, com cicatrizes em forma de olhos espalhadas pelo corpo.

— Acho que não somos mais os únicos aqui... — disse uma mulher ao fundo, ofegando, com sangue escorrendo de seus ouvidos.

A Alta-Seita ergueu-se no centro do altar.

Ela era uma figura quase antinatural. Vestia-se com um manto negro translúcido, que parecia mover-se com vontades próprias. Seus olhos eram esferas inteiramente negras, sem pupilas ou brilho, como janelas abertas para o Vazio. Sua boca estava costurada com runas prateadas que brilhavam em vermelho pulsante — selos antigos que impediam que sua voz ecoasse no plano dos mortais.

Sem emitir som, ela ergueu os braços.

O chão ao seu redor trincou em círculos concêntricos.

O selo invertido do Sagrado — o Emblema da Heresia Final — surgiu em chamas negras sob seus pés.

Os acólitos entraram em êxtase febril, balançando-se para frente e para trás, olhos virados, línguas enroladas em sílabas proibidas. Alguns começaram a sangrar pelo nariz, outros riam descontroladamente. Um dos jovens cambaleou até uma parede e começou a bater a cabeça contra a pedra, repetidamente, sussurrando:

— A chave foi tocada... o vazio canta... ela se aproxima...

As runas nos lábios da Alta-Seita brilharam uma última vez —

E então, uma a uma, se romperam com estalos úmidos.

Sua boca se abriu.

O nome saiu como uma condenação:

“Lyea.”

As paredes do templo gritaram.

Rachaduras abriram-se no teto e sangue escorreu pelas frestas como lágrimas da montanha.

As velas negras reacenderam — mas agora em chamas azul-esverdeadas que não lançavam sombra.

— Zhor'Kal ri nas profundezas... — sussurrou a Alta-Seita, com a voz reverberando em mil tons diferentes, como se falasse em uníssono com ecos de vozes não humanas.

— O ciclo foi corrompido. A criança tocada pelo Silêncio... abriu a primeira ferida.

Sua carne começou a se desfazer como cinza ao vento. Primeiro os dedos, depois os braços, como se algo a consumisse de dentro. Mas ela sorria, mesmo sem rosto, mesmo enquanto desaparecia — como se sua aniquilação fosse sagrada.

Os acólitos caíram ao chão como marionetes sem corda, mas logo começaram a se levantar, um a um.

Seus olhos estavam completamente negros agora, suas bocas sussurravam não com voz, mas com *presença*.

“Ela que não devia lembrar...
Ela que é o fim do esquecimento...
Ela que rompeu a Roda...”

E então, como um coro uníssono, as vozes ecoaram como um trovão interior, sacudindo a caverna, reverberando nas paredes como batimentos cardíacos de um deus desperto:

“Lyea... Lyea... Lyea... Lyea...”

O som não cessava.
Ecoava além do templo.
Pelos túneis.
Pelas pedras.
Pelo plano dos vivos.

Lá fora, nas montanhas, lobos uivaram sem saber por quê.
Rochas flutuaram por um instante antes de explodirem em pó.
E no centro do altar enegrecido... onde antes havia apenas ossos...

Uma fenda se abriu.
Respirando.

////////////////////////////////////
////////

— Vila de Eridon, nos sopés das Montanhas Eclípticas.

O cheiro de ferro quente e carvão queimado pairava sobre a vila de Eridon, aninhada nos vales tranquilos aos pés das Montanhas Eclípticas. As lajes de pedra fumegavam com o calor da tarde que se desfazia em sombras azuladas. O

crepúsculo parecia comum, mas a quietude carregava um peso estranho — como se o ar aguardasse algo que ninguém soubesse nomear.

Na forja central, Mael, o ferreiro de rosto endurecido e braços tatuados por brasões militares antigos, martelava com precisão uma ombreira de aço para um capitão da guarda. Seu suor misturava-se à fuligem, escorrendo pelos vincos da testa enquanto o ritmo da bigorna marcava o tempo como um tambor cerimonial.

— Pai, está quase escuro... já é hora da sopa? — perguntou Lira, sua filha, parada na moldura da porta com os cabelos desalinhados e uma boneca de feno desgastada nos braços.

— Já vou, minha luz, — respondeu Mael, com um meio sorriso que escondia a exaustão. — Só mais duas marteladas e a proteção do capitão fica pronta.

Do lado de fora, sob o brilho tênue da lua nascente, Myrha, a anciã parteira, colhia ervas sob os salgueiros. Seu manto esverdeado arrastava-se entre os galhos baixos enquanto ela cantarolava uma antiga cantiga sobre o nascimento das estrelas.

Mais distante, nos campos salpicados de flores secas, Eoren, um jovem pastor de cabelos claros e semblante sonhador, assobiava para suas ovelhas. Seu cão corria ao redor do rebanho, conduzindo os animais com energia e obediência.

A vida seguia em sua cadência silenciosa.

Até que o céu morreu.

Veio primeiro como um arrepio.

Depois, o vento parou.

E, então, as nuvens giraram como olhos prestes a se abrir.

Uma espiral de nuvens cinzentas cobriu o firmamento. As estrelas desapareceram como se arrancadas, uma a uma. O ar cheirava a pedra queimada e ferro oxidado — e algo mais: sangue antigo e memória esquecida.

— O que...? — Mael largou o martelo. A peça incandescente escureceu ao tocar o chão. A fornalha rugia... e então calou-se.

Lira caiu de joelhos, as mãos apertadas contra os ouvidos. Seus olhos se viraram como se vissem por dentro.

— Ela está aqui... ela está em mim! — gritou entre soluços, a boneca caída no chão, virada de costas.

Myrha arqueou-se como se atingida no ventre. Vomitou sangue sobre as ervas e gritou para a lua, agora vermelha.

Eoren viu as ovelhas congelarem. Todas voltadas para o pico mais alto das montanhas. Ele sentiu a terra sussurrar por baixo dos pés — não com voz, mas com vibração:

“Lyea.”

Por sete segundos, ninguém respirou.

A terra vibrou, como se um coração esquecido, no fundo do mundo, batesse uma vez.

Dias se passaram.

A luz retornou, mas não era a mesma. Tinha o tom de algo que já passou e não devia voltar. O céu parecia mais próximo, e as sombras demoravam mais para se mover.

Na vila, o mundo havia encolhido.

Lira, antes tagarela, agora apenas desenhava espirais sem fim na terra. A boneca permanecia de costas, sempre. Seus olhos pareciam olhar através das pessoas.

Mael transformou sua forja em um altar. Entalhava símbolos com precisão obsessiva — formas que jamais havia aprendido. Não aceitava comida. Quando falava, falava com o fogo.

Myrha fugiu para o pântano, onde berrava com os sapos e os cipós, dizendo que o tempo se desfez — que a criança que ela ajudou a nascer agora carregava o mundo no ventre.

Eoren ficou mudo. Sentava-se à beira da colina, olhando para o céu sem piscar. Jurava que, à noite, via um olho abrir-se entre as estrelas.

As igrejas da vila fecharam suas portas. Padres rasgavam seus livros, convencidos de que os nomes sagrados haviam sido corrompidos.

Alguns moradores diziam ter visto chamas que ardiam em silêncio vagueando pelas casas à noite. Outros desapareciam sem deixar rastros, levados por sussurros doces demais para resistir.

O mundo não morreu. Mas algo acordou nele.

E ninguém, nem mesmo os inocentes, ficou intocado.

— Salão dos Espelhos, Reino de Tharemon

Rei Alvarion levantava-se após horas de debate.

— Majestade, ainda resta a carta dos Magistérios de Arvon... — começou o chanceler Valrim, mas recuou ao ver a mão erquida do rei.

A capitã da guarda, Cyra Talverin, em pé ao lado da escadaria do trono, comentou baixinho:

— Nunca vi Vossa Majestade encerrar um conselho com o assunto pendente.

— E espero não ver novamente, — respondeu Alvarion. — Mas há um peso no ar que não se deve ignorar.

Ele levou os dedos à têmpora. Um leve latejar pulsava atrás dos olhos. Foi quando o espelho que se erguia atrás do trono — o ancestral Espelho Védran, feito de vidro lunar — rachou.

O estalo foi seco, cortante. Não veio apenas do espelho, mas do próprio espaço ao redor.

— O que foi isso?! — exclamou Cyra, já desembainhando sua espada curva. Seus olhos varriam o salão.

— Protejam o rei! — gritou Soran Evек, o sargento das Sentinelas Douradas.

— Majestade... — Herion Vel, o grão-mestre arcano, caiu de joelhos abruptamente. Seus olhos estavam arregalados como os de um homem que viu o fim.

— A Trama... foi violada... há uma ruptura no tecido do mundo. — Ele tocava o chão como se temesse que ele se desfizesse.

Um som impossível atravessou o salão. Como se mil vozes recitassem, ao mesmo tempo, todos os nomes reais de Alvarion — os nomes sagrados, selados nos Arquivos de Prata.

— Essa... isso não é conjuração humana, — murmurou a oráculo Enshira, agora com os olhos voltados para o infinito. — É anterior à linguagem. Eu ouvi um nome... dentro de mim.

— Fale, Enshira, — ordenou Alvarion, sua voz embargada. — Preciso saber o que viu.

A oráculo tremeu. Suor escorria de sua testa, enquanto ela tentava forçar as palavras a saírem.

— Ela... estava do outro lado do espelho. Não como reflexo. Como raiz. Como origem. E disse... — Ela respirou fundo, e então pronunciou — Lyea.

O nome foi um impacto.

O chão tremeu. As tapeçarias antigas — representações de reis e vitórias seculares — pegaram fogo espontaneamente. As chamas dançavam em silêncio. O brasão solar acima do trono, feito de prata celestial, se eclipsou, escurecendo como um sol morto.

— Por todos os Ancestrais...! — sussurrou Valrim. — O brasão... está apagado...

— Ela não devia existir, — disse Herion, se levantando com os olhos vermelhos. — E ainda assim... o mundo a reconhece.

— Isso não é profecia. É retorno, — completou Enshira. — Ela... nunca foi esquecida pela Trama. Apenas selada.

Horas depois, o palácio foi selado. Os corredores estavam cheios de murmúrios. Servos choravam em silêncio. Guardas recusavam-se a se olhar nos olhos. Era como se uma sombra antiga estivesse observando o castelo por dentro.

No Salão do Lume Interior, Alvarion reuniu-se com seus magos, sacerdotes e oráculos.

— Convoco o Estado Espiritual de Calamidade, — declarou o rei, vestindo agora o manto da noite, que só era usado em momentos de crise divina. — Preparem os rituais. Os pergaminhos. Acordem os dorminhocos do Templo Astral.

— Majestade, o que devemos anunciar à população? — perguntou Cyra.

— A verdade, — ele respondeu. — Mas velada. Daremos a eles apenas o que podem suportar.

E ao final da noite, mensageiros foram enviados a todos os reinos, levando o selo negro e as palavras do rei:

“Algo retornou. E ela tem nome.”

Mas antes que a noite findasse, quando o salão estava vazio e apenas a chama azul do Candelabro dos Pactos ainda ardia, Alvarion permaneceu em silêncio diante do espelho rachado.

Então falou, não aos presentes, mas à própria Trama:

— Se a ruptura começou... nenhuma coroa poderá resistir sozinha.

Virou-se para Valrim e Cyra, que aguardavam à porta.

— Escrevam aos soberanos. A todos. Fynros, Kareth, Auren’Val, Halmerith... até mesmo aos enclaves de Morvhal e os bastiões das Ordens.

— Convoco o Conclave das Coroas. — sua voz soava como um juramento.

Cyra e Valrim assentiram, e o chanceler já retirava da bolsa os pergaminhos selados com prata viva.

— Digam-lhes que não é por guerra, nem por aliança política... mas porque a última muralha do mundo começa a ruir. E o nome que ecoa entre as fendas não deve ser ignorado.

O selo real foi afixado. O destino das coroas, lançado ao vento.

////////////////////////////////////
////////

— Mente de Lyea, Lugar Nenhum

Ela não sabia seu nome.

Não sabia onde estava, nem se estava.

Só sabia que não havia nada ao redor — e ainda assim, algo a observava.

Lyea flutuava, mas não em um mar, não em ar.

Flutuava em um espaço de silêncio denso, onde até o pensamento era pesado.

E mesmo ali, sem corpo, ela tremia.

“Sou... real? Sou eu mesma...?”

“Quem me trouxe aqui?”

“Quem... sou eu?”

E então, uma sensação começou a subir de dentro dela.

Suave, como um afago.

Quente, como o amor.

Mas havia algo errado. Algo antigo demais.

“Não é meu esse calor...” — ela pensou, o rosto franzido de medo.

“...mas eu o conheço.”

Então, veios dourados subiram de seus pulsos até os olhos.

Ela se viu refletida no nada. E então viu alguém mais.

Uma torre caída.

Um espelho partido.

Uma mulher. Cabelos brancos. Olhos como sóis em fim de vida.

A mulher chorava.

Mas quando os olhos dourados se voltaram para ela, o choro cessou.

— Você... me conhece? — Lyea perguntou.

A mulher não respondeu com som. Respondeu com presença. Com memória que pulsa.

— Você me pergunta o que sou? ...Sou aquilo que ninguém deveria lembrar. Sou o que você já foi. E o que ainda será. Sou a memória em sua carne. Sou... Lir'Aeth..

A resposta reverberou.

Não em palavras.

Em batidas.

Tum.

Tum.

Tum.

O vazio vibrou.

Lyea arregalou os olhos — olhos que não sabia ter naquele lugar.

Seu corpo se formava em faíscas. Suor escorria por sua testa invisível.

A respiração falhava. O coração... não batia em seu peito, mas fora dele.

Como se o próprio mundo respirasse com ela.

Ela tocou o próprio peito — e sentiu algo queimando sob a pele.

“Isso é... dor?”

“Não.”

“Isso é... eco.”

E então, veio o som.

Não uma voz.

Um riso.

Baixo. Raspado. Antigo.

Como se mil bocas estivessem costuradas, tentando rir pelas costuras.

Como se o universo tivesse achado graça da pergunta que nunca deveria ser feita.

— Hahah... Hahhh—hhhhh...

Lyea caiu de joelhos — embora joelhos não houvesse.

O rosto em pânico.

A boca tremendo.

O olhar marejado de um medo sem nome.

Ela tentou gritar.

Nada saiu.

Tentou fugir. Mas ali, não havia para onde correr.

— Por que está rindo de mim? — ela perguntou, as lágrimas finalmente escorrendo.

E a resposta dela, não era consolo.

— Não é de você que estou rindo. É do que está por vir. Do mundo. Dos deuses. Da mentira da ordem. Você não é exceção, Lyea. Você é... a consequência.

Lyea viu-se novamente.

Mas não era mais uma garota.

Era luz negra.

Com olhos dourados. E depois, olhos sem fim.

“Sou eu?”

“Ou... sou ela?”

O riso ecoava sem parar, agora ao fundo de tudo, enquanto o coração do mundo batia mais rápido.

Lyea abraçou a própria imagem, tentando se conter. Mas suas mãos viravam poeira.

“Eu... não quero lembrar!”

“Eu não quero ser você!”

E pela primeira vez, o silêncio respondeu com silêncio.

Ela então gritou. Um grito que ninguém ouviu, mas que todas as coisas vivas no mundo sentiram.

Capítulo 3: O Sinal da Torre Partida

"Nem toda luz guia o caminho; às vezes, é a sombra que revela o destino." — Antigo provérbio dos Vigilantes

Kael caminhava lentamente pelo santuário, ainda abalado. O tilintar de seu sino parecia mais pesado agora, como se anunciasse uma marcha fúnebre prestes a começar. Atrás dele, Elenna o alcançou. Ela estava pálida, mas determinada.

— Você viu ela, não foi? — perguntou ela, com a voz baixa, como se pronunciar isso fosse desafiar a ordem do mundo.

Kael assentiu.

— Sim. Não em imagem... mas em essência. Ela me viu também.

Elenna respirou fundo, tentando organizar o caos que ainda reverberava em sua mente.

— Se ela está viva... se tudo isso é verdade... então não podemos apenas rezar. Não podemos esperar que os velhos dogmas contenham um rompimento como esse.

Kael virou-se para ela, os olhos ainda ardendo com o brilho residual do Sinal da Torre Partida.

— E você quer ir atrás dela?

— Quero entender. Quero ver com meus próprios olhos se essa criança é mesmo aquilo que as visões temem. Ou se ainda há algo... ou alguém... ali dentro.

Ela hesitou. Depois completou:

— E... se ela for o que dizem... então talvez sejamos os únicos que podem encontrá-la antes que os outros façam.

Kael a encarou por um longo momento. O peso da decisão já estava sobre seus ombros, mas ouvir da boca de Elenna tornava tudo mais real. Mais imediato.

— A Ordem de Nahalia me enviou para vigiar o céu, — disse ele, com amargura contida. — Mas não existe mais céu intacto para vigiar.

Elenna sorriu, triste.

— Então está decidido?

Kael olhou para o horizonte dourado, onde as nuvens dançavam sobre a Cidadela. Por trás daquela luz, ele sabia que algo já estava se movendo.

— Sim. Partiremos ao entardecer. Antes que os Decretos do Concílio cheguem. Antes que as ordens se fechem em seus próprios medos.

— Só nós dois?

— Por enquanto. Somos dois olhos... dois pecados... duas memórias que ainda se lembram de quando rezar não era medo, mas esperança.

Elenna se aproximou mais e tocou o braço de Kael, firme.

— Onde ela estiver, Kael... vamos encontrá-la.

Ele assentiu. Um fragmento de serenidade brilhou em sua voz quando respondeu:

— E seja qual for a verdade... ela também nos encontrará.

A luz dourada voltou a tingir os vitrais. Mas nada parecia sagrado ali.

Apenas... inevitável.

— Entardecer em Virestel, Saída Velada da Torre Leste —

A cidade dourada murmurava orações enquanto o sol se recolhia por trás das torres, tingindo os mármore de âmbar e cobre. Mas naquele entardecer, a música do Festival das Sete Chamas parecia mais distante — abafada por algo que todos sentiam, mas ninguém nomeava.

Nos corredores da Torre Leste, longe dos salões principais, Kael e Elenna caminhavam em silêncio. Ambos trajavam vestes discretas, mantos de viagem sobre os ombros e os símbolos das ordens ocultos sob as dobras. Carregavam apenas o necessário: pergaminhos selados, lâminas curtas, amuletos antigos e um códice negro sem título, que Kael trazia preso ao peito por uma tira de couro ritual.

No pátio de saída, um jovem acólito os aguardava — Theren, de olhos ansiosos e mãos inquietas.

— O portão do sul foi liberado, — disse ele, em voz baixa. — Mas só por algumas horas. Depois disso... Virestel será selada.

— Fizeram menção ao Concílio? — perguntou Kael.

Theren assentiu, nervoso.

— Chegaram mensageiros de Fynros. Dizem que as Ordens Superiores vão convocar um Julgamento Espiritual sobre qualquer manifestação do Primeiro Selo. Ninguém sairá da Cidadela sem autorização tripla. Nem vocês.

Elenna suspirou.

— Então partimos agora. Antes que nossas preces virem mandado de prisão.

Kael inclinou a cabeça em sinal de agradecimento.

— Theren... se perguntarem, diga que fomos enviados para averiguar distúrbios nas ruínas do Leste. Não minta. Mas não diga tudo.

O jovem hesitou, então sussurrou com firmeza:

— Que Nahalia os guarde nas sombras certas.

Kael tocou de leve o sino preso ao seu cinto. Ele emitiu um som suave, como o sussurro de uma lembrança esquecida.

— E que ela feche os olhos ao que deve permanecer oculto.

Depois de se despedir de Theren com palavras cuidadosas, iniciaram seu percurso pelos corredores e praças da cidadela. O brilho dourado do entardecer fazia as pedras de mármore parecerem chamas congeladas, enquanto o ar carregava um perfume misto de incenso e flor de mirra.

As ruas, normalmente vibrantes de festividade, agora tinham um ritmo estranho — um silêncio quase reverente entre o murmurar das últimas preces e o tilintar distante das sinetas. Fiéis apressavam-se em direção aos templos, enquanto mercadores começavam a fechar suas tendas com cuidado.

Eles passaram por um grupo de crianças que brincavam de apedrejar os reflexos do sol nas poças, suas risadas suaves quebrando a tensão silenciosa. Um velho sacerdote cruzou seu caminho, lançando-lhe um olhar preocupado, mas sem dizer palavra.

Os vitrais das torres refletiam as últimas faixas de luz, criando sombras alongadas que pareciam dançar à medida que avançavam. O sino preso na

cintura de Kael marcava cada passo — uma cadência ritual, um pulso que mantinha o equilíbrio entre o sagrado e o desconhecido.

Ao chegar ao portão sul, pararam por um momento, olhando para a muralha que separava a cidadela do mundo exterior. Guardas em armaduras douradas montavam guarda, observando atentos qualquer movimento estranho.

Kael entregou o selo que Theren havia lhe dado a um deles, um gesto que parecia pequeno diante do peso da missão.

O portão foi aberto silenciosamente, permitindo que Kael e Elenna passassem para fora da segurança das muralhas.

Um vento fresco soprou, trazendo consigo o cheiro da floresta distante e uma promessa inquietante de que nada seria como antes.

Com passos firmes, eles seguiram pela estrada que se perdia na sombra dos Montes de Vhal'en.

À medida que a cidadela se distanciava atrás dele, o silêncio da natureza começou a envolver Kael e Elenna. As luzes douradas deram lugar ao brilho tênue das estrelas. O canto dos grilos substituiu o murmúrio das multidões. O mundo conhecido cedia espaço ao desconhecido — e a jornada para encontrar Lyea começava verdadeiramente.

— Caminho Velado entre os Montes de Vhal'en, Noite —

A estrada entre as colinas era escura e silenciosa. Apenas o farfalhar do vento entre as folhas e o som dos passos sobre a terra úmida os acompanhavam. Elenna andava ao lado de Kael, envolta em seu manto escuro bordado com fios de constelações velhas.

— Você sabe por onde começar? — perguntou ela, finalmente rompendo o silêncio.

Kael hesitou por um instante.

— Não tenho certeza. Mas tive um segundo lampejo antes de despertar. Uma imagem fragmentada.

— O que você viu?

— Uma árvore de folhas negras... e uma criança dormindo sob suas raízes. Mas a árvore... chorava.

Elenna franziu o cenho.

— Uma árvore chorando. Isso não é símbolo de...?

— Das antigas florestas de Thar'Noon, — completou Kael. — Ao norte do Círculo Branco. Território neutro. Ou, pelo menos, era.

— Há um vilarejo esquecido por lá, não há? Chamavam de Lysmereth, antes da guerra do véu.

Kael assentiu.

— Se ainda existe, pode ser o ponto mais próximo da fratura. Ou o primeiro lugar a senti-la. Se ela estiver caminhando... deixará rastros.

— E se alguém mais estiver procurando por ela?

Kael parou, olhando para o céu. As estrelas já estavam visíveis, mas não em seus lugares habituais. Duas constelações estavam desalinhadas — um mau presságio para os leitores do firmamento.

— Então teremos que chegar primeiro. Ou protegê-la... de nós mesmos.

Elenna se aproximou um pouco mais, caminhando em silêncio ao lado dele.

— Você ainda acha que ela é só uma criança?

Kael respondeu depois de um tempo, sem desviar o olhar:

— Acredito que... não existe mais 'só' nessa história. Nem para ela. Nem para nós.

O vento soprou, levando consigo folhas secas que voaram em círculos, como se dançassem ao redor deles.

No alto do morro, uma silhueta os observava entre as árvores — pequena, imóvel, olhos prateados brilhando no escuro.

Mas quando olharam, não havia nada ali.

Apenas o som das folhas se afastando.

Capítulo 4: A Voz nas Folhas Mortas

"Os ventos falam aos que esquecem de escutar."

— Livro da Semente, Cap. II

A noite caía com um silêncio mais espesso que a própria escuridão. Não havia estrelas. Apenas um céu manchado de brumas, como se o mundo lá em cima também tivesse se esquecido de respirar.

Kael mantinha a vigília, agachado próximo à fogueira mínima que montara entre pedras antigas e rachadas. As chamas tremeluziam baixas, como se também temessem incomodar o vento. Seu braço mecânico repousava sobre o joelho dobrado, ainda com pequenos estalos de calor escapando das engrenagens que ele mesmo ajustara horas antes. O cheiro de óleo queimado misturava-se com o da terra seca.

Elenna estava sentada do outro lado, com as pernas cruzadas, os ombros cobertos pelo próprio manto, e o *Codex* fechado sobre o colo. Seus olhos dourados fitavam o fogo sem realmente vê-lo, enquanto um fio de pensamentos descia em espiral silenciosa dentro de si.

Kael quebrou o silêncio primeiro, com a voz baixa, como quem respeita o peso do que carrega:

— Já acampou em Etherath antes?

Elenna balançou a cabeça devagar.

— Nunca tão fundo. Meu pai evitava esse lugar. Dizia que “os mortos aqui não dormem... só esperam.” — Fez uma pausa. — Eu achava que era só folclore. Hoje não tenho tanta certeza.

Kael assentiu levemente, coçando a mandíbula com o indicador.

— Os mortos... têm boa memória.

Ela ergueu os olhos para ele, avaliando a frase.

— Você fala como alguém que viu demais.

— Vi o bastante para parar de tentar esquecer.

— Já estive aqui antes?

Kael não ergueu os olhos.

— Duas vezes. A primeira em patrulha. A segunda... procurando corpos.

Ela fechou o livro devagar.

— Encontrou?

— Alguns. Mas não os que procurava.

O silêncio se alongou entre eles, denso como a névoa sobre um campo de batalha. Elenna puxou o manto mais para perto do corpo e cruzou os braços, encarando as chamas baixas.

— Sempre imaginei você como um tipo de espada quebrada. Cortante... mas sem motivo para ser empunhada.

Kael ergueu uma sobrancelha, arqueando um leve sorriso.

— Isso é uma tentativa de elogio?

— É uma constatação.

— E você? — devolveu ele. — O que esperava encontrar nesse fim de mundo?

Ela hesitou por um momento, como se testasse a própria resposta.

— Vestígios. Vozes apagadas pela história. Algo que confirme que há sentido no que estudo... e no que acredito.

— E acredita em quê?

— Que existem peças faltando no grande quadro. Que pessoas como ela — *Lyea* — não são acidentes. São rachaduras. E através delas, a verdade escapa.

Kael parou de limpar o braço. Encostou-o no joelho e olhou para ela, mais atento.

— E o que você faria... se descobrisse que proteger essa verdade custaria mais vidas?

Elenna respondeu sem vacilar:

— Se ela já custa vidas, então não é mais uma escolha. É uma responsabilidade.

Kael assentiu lentamente, os olhos vagando em direção ao fogo, que pouco iluminava.

Por um momento, apenas o crepitar da lenha. Uma folha, arrastada por um vento tímido, passou entre eles como um presságio de papel.

— Sabe o que mais me incomoda? — disse Elenna, o tom mais pessoal, menos analítico. — O modo como ela aparece nos registros. Não como uma pessoa, mas

como... um eco. Como se existisse apenas enquanto o mundo estivesse prestando atenção.

Kael não respondeu logo. Seu olhar estava fixo no fogo. Depois murmurou:

— Ecos são tudo que resta depois de uma explosão. Ou de uma escolha errada.

— E ela é o quê, então? — Elenna perguntou. — Um erro que se arrastou tempo demais?

— Talvez. — respondeu ele, com honestidade desconfortável. — Ou talvez ela seja o aviso... de que erramos e nem notamos.

Ela inclinou a cabeça, observando-o com mais interesse agora.

— Você fala dela como se já a conhecesse.

Kael soltou um suspiro longo, mais pesaroso do que cansado.

— Eu conheci alguém assim uma vez. Alguém que carregava algo que o mundo não estava pronto pra entender.

— E o que aconteceu? — perguntou Elenna, mais suavemente.

Ele virou o rosto, as sombras do fogo recortando os traços duros de sua face.

— O mundo escolheu... não entender.

Elenna apertou o manto ao redor de si. Havia algo na fala dele que não era apenas dor — era arrependimento. Um tipo de cicatriz que não ficava na carne.

— Você ainda carrega isso, não é?

Kael sorriu sem humor.

— Você carrega um tomo cheio de nomes esquecidos. Eu carrego os que não deveriam ter sido esquecidos.

Silêncio outra vez.

— Kael... — ela disse, baixinho, e pela primeira vez, sem ironia, sem provocação — O que você quer encontrar nela?

Ele olhou nos olhos dela. Pela primeira vez naquela noite, com peso. Com verdade.

— Quando vi ela pela primeira vez... achei que fosse um engano. Uma criança perdida, assustada. Mas ela olhava de volta como quem já sabia de mim. Como

quem sempre soube. Então eu quero saber se ainda vale a pena proteger algo. Ou se tudo já está condenado, só que... fingindo que não sabe.

Ela não respondeu.

Apenas estendeu a mão e tocou levemente o braço mecânico dele. O gesto não era de consolo. Era reconhecimento.

— Amanhã, encontraremos ela. — disse Elenna. — E quando isso acontecer... talvez o que estivermos procurando nos encontre também.

Kael assentiu.

Não disse nada.

Mas pela primeira vez em dias... **ficou em paz.**

A chama tremeluziu uma última vez antes de cair em brasa.

O vento se calou.

E, à distância, muito além da planície, uma voz quase imperceptível soprou entre as pedras:

“Ela... já... sonha...”

////////////////////////////////////
////////

As planícies de Etherath não tinham árvores.

Apenas ossos de árvores.

Troncos ressecados, retorcidos em gestos de dor, como mãos que um dia tentaram alcançar o céu e foram esquecidas no gesto. Suas cascas pendiam em tiras descamadas, e os galhos — onde ainda havia galhos — se enroscavam uns nos outros como se buscassem consolo. O cheiro da terra era seco, antigo, como um livro queimado antes de ser lido. Nada brotava. Nada morria. Apenas permanecia... paralisado.

Acima, o céu se estendia como uma ferida cicatrizada demais, coberta de nuvens pesadas que não ousavam chorar. Um véu cinzento, contínuo, impassível — como se o firmamento houvesse se esquecido da cor do azul.

O solo estava rachado, desenhado por fissuras que serpenteavam como veias petrificadas. Havia nelas uma quietude quase reverente. Como se até o tempo, ali, tivesse se ajoelhado. Um silêncio que não era vazio, mas saturado — de presságios, de lembranças, de algo que nunca chegou a nascer, mas cuja ausência ainda gritava.

O vento caminhava como um velho ferido, arrastando os pés invisíveis por entre os escombros naturais do mundo. Ele assobiava baixo, assobiava fundo, como quem

tenta contar uma história que já esqueceu metade das palavras. Passava entre os galhos que já não cantavam, entre as pedras lisas que pareciam ouvir, e entre os mortos que nunca chegaram a ter nome.

Era um lugar onde até a esperança se arrastava.

E Lyea andava sozinha.

Ou quase.

Seus pés deixavam marcas leves na poeira, traços finos que pareciam desenhados por dedos infantis. Mas o mundo não as mantinha por muito tempo. O vento, talvez reconhecendo o fardo que ela trazia, apagava seus rastros com uma pressa nervosa — como quem teme que esses passos sejam lidos, decifrados, seguidos. Como se protegê-la fosse um dever antigo que nem a terra sabia explicar.

Seus olhos estavam opacos. Não cegos — mas além da visão.

Oscilavam entre o agora e o que não era mais.

Ou o que ainda não foi.

Ela murmurava.

Palavras partidas.

Sílabas que vinham como soluços.

Fragmentos de orações esquecidas, resquícios de uma linguagem que talvez ninguém jamais tenha falado.

E nomes...

Nomes que não pertenciam àquela terra.

Alguns surgiam com reverência.

Outros, com medo.

E as folhas mortas — aquelas poucas que o vento arrastava de florestas distantes — às vezes giravam ao redor dela como se dançassem. Como se reconhecessem nela o centro de algo que ainda não tinha forma. E, às vezes...

sussurravam.

“Ly...ea... a...corde... Já... está... a...qui...”

As palavras vinham partidas, com a voz dos ventos e a rouquidão dos séculos.

Nem humanas, nem naturais.

Lyea não respondia.

Mas escutava.

Como quem escuta um eco que vem de dentro do próprio sangue.

Como quem ouve o chamado de uma semente crescendo no escuro.

Ela não chorava.

Ela não sorria.

Ela simplesmente caminhava, guiada não por direção, mas por... destino. Ou por algo mais antigo que ele.

////////////////////////////////////
////////

O dia seguinte chegou sem alvorada.

A claridade apenas empalideceu o céu até que não fosse mais noite, mas nada ali parecia realmente desperto. O silêncio das planícies era quase sólido — um campo de ausência onde o som se recusava a nascer.

Kael ajustava as tiras do braço mecânico improvisado, observando o horizonte com olhos acostumados ao sangue e ao silêncio. A armadura que usava era irregular — um misto de aço, couro e partes remendadas — mas o modo como se movia deixava claro que não era o que vestia que o fazia perigoso. Era o que havia perdido.

Elenna o seguia de perto, envolta num manto desgastado de viagem. Os olhos dourados observavam tudo com uma curiosidade silenciosa. Levava um tomo antigo preso ao cinto, o *Codex de Sombras Menores*, e uma pequena adaga escondida no livro — o que dizia muito sobre ela. Era uma erudita, mas não era ingênua.

— Eu sei que foi eu quem disse que a acharíamos hoje, mas, acha mesmo que vamos, ao menos, encontrar algo por aqui? — perguntou ela, quebrando o silêncio pela primeira vez em horas.

— Não algo, Elenna. Alguém. — Kael respondeu, sem desviar o olhar da vastidão.

— E por que ela estaria justamente aqui?

Kael apertou os olhos.

Uma folha flutuava no ar.

Solitária.

Desenhando espirais suaves sobre um campo onde não havia mais árvores.

E então, outra.

E mais uma.

Fragmentos de outonos distantes, dançando onde não deviam existir.

— Porque o vento mudou — disse ele. — E porque ouço o som das folhas onde não deveria haver árvores.

A garota — não mais do que uma criança — estava ajoelhada, o corpo trêmulo, envolto em uma névoa de poeira e folhas mortas.

Mas o que o congelou foi o olhar.

Cinza.

Fundo.

Como se cada íris escondesse o vazio de eras soterradas.

— Ela está... cantando? — murmurou Elenna ao se aproximar, os olhos arregalados.

Não havia melodia.

Não havia letra.

E ainda assim, Lyea... cantava.

Não com a voz.

Mas com o espírito.

O som — ou a ausência dele — vibrava ao redor, como ecos em uma língua esquecida pelos próprios deuses.

E enquanto ela murmurava, as folhas giravam em torno de si, formando um círculo ritualístico sutil, como se o próprio Etherath a escutasse.

Kael se ajoelhou ao lado dela, relutante.

— Ela carrega o eco — disse Elenna, em um tom que não era seu, como se traduzisse algo vindo de dentro da própria terra.

— O quê? — perguntou Kael, sem desviar os olhos.

— O eco do Primeiro Selo... — ela respondeu, quase em sussurro. — É assim que os textos antigos descreviam. Uma vibração sutil que antecede o colapso da realidade.

Kael não compreendia... mas entendia.

Algo dentro dele... reconhecia.

Com cuidado, ele passou os braços por baixo de Lyea e a ergueu.

Ela estava quente — mas não com febre.

Com... presença.

E então, seus olhos se moveram.

Lentamente.

Focando nos dele.

Por um momento, nada existia além daquele olhar.

— Você... lembra de mim? — ela perguntou, em um fio de voz. Como se a pergunta não fosse dela, mas de algo que usava sua boca para se fazer ouvir.

Kael hesitou.

Ele queria dizer *não*.

Mas algo dentro dele estremeceu.

“Quando o Primeiro despertar,” ecoou uma lembrança antiga, como uma cicatriz na alma, “os que o tocaram em outras eras se lembrarão. Ainda que não o saibam.”

— Fragmento Perdido do Véu de Nahalia, — recordou Elenna, sem saber por que o fazia.

E então... Lyea desmaiou.

O círculo de folhas desfez-se.

O som retornou ao mundo — primeiro com timidez... depois, com o peso de um presságio.

O vento soprou.

Mas não era apenas ar.

Era um sussurro antigo, arranhando as bordas da realidade:

“Ela já começou.”

Kael e Elenna se entreolharam, sem saber se a frase viera do vento...

Ou de dentro deles.

Mas sabiam.

A partir daquele momento, nada mais seria o mesmo.

////////////////////////////////////
////////

O abrigo era simples.

Uma concavidade rochosa próxima a um desfiladeiro seco, protegida do vento cortante pelas dobras do terreno e por algumas placas de metal corroído que Kael arrastara de uma estrutura arruinada próxima.

Uma fogueira bruxuleava no centro, alimentada por fragmentos de raízes secas. O calor era pouco, mas suficiente para afastar o frio agudo de Etherath.

Lyea dormia sobre um leito improvisado de mantas e couro. Seu corpo não tinha feridas visíveis, mas o cansaço parecia ancorado em sua alma. Mesmo adormecida,

franzia o cenho, murmurando palavras entrecortadas em um idioma que nem Elenna conseguia traduzir por completo.

Kael estava de vigia.

Sentado, costas apoiadas na pedra, braços cruzados.

O olhar fixo no fogo — ou no que havia por trás dele.

Elenna sentou-se ao lado dele, enrolando-se melhor no manto.

— Você não está respirando direito — comentou, num tom baixo, quase provocador.

— Isso geralmente significa que está pensando demais.

— Não costumo pensar tanto — respondeu Kael. — Só quando as coisas... não fazem sentido.

— Nada tem feito muito sentido nesses últimos dias— disse Elenna. — Mas isso...

— apontou levemente para Lyea — Isso é diferente. Ela não é só uma peça estranha no tabuleiro. Ela é um novo jogo.

Kael lançou-lhe um olhar de soslaio.

— E você gosta de jogos, não gosta?

— Só dos que ainda não li o final — respondeu, sorrindo com os olhos.

O fogo estalou entre eles.

— Você viu os olhos dela? — disse Elenna. A voz era baixa, mas firme.

— Vi — respondeu Kael. — Não são de agora.

Ele permaneceu em silêncio. Depois, murmurou:

— São de alguém que... sobreviveu àquilo que não se deveria lembrar.

— Ou àquilo que ainda não aconteceu — completou Elenna, olhando para Lyea.

Por alguns minutos, apenas o estalo da lenha ocupou o ar. O vento lá fora assobiava entre as fendas como um lamento esquecido.

— Quando a toquei... senti algo. Como se ela fosse parte de algo que me falta. Mas não é só isso... Ela me olhou como se me conhecesse. Ela me perguntou se eu lembrava dela. Mas eu nunca vi aquela garota.

— Talvez conheça. Ou talvez você a tenha conhecido em outro tempo. As histórias mais antigas falam de ciclos. De ecos que se repetem. Talvez vocês sejam ecos um do outro.— respondeu Elenna.

Kael a fitou, desconfiado.

— Fala como os monges de Nahalia.

— Estudei com um deles por dois invernos. Depois fugi. Não gosto de lugares onde até os pensamentos precisam se ajoelhar. Mas eu posso estar certa, não? Afinal você mesmo disse que sentiu algo.

— Pode ser que sim, mas isso está poético demais pro meu gosto. — murmurou Kael.

Silêncio.

Então um movimento suave.
Lyea.

Ela se mexeu.

A luz da fogueira ardeu levemente na íris cinzenta. O teto rochoso girou antes de se estabilizar. O som do vento fora abafado por alguma estrutura. Estava protegida... ou presa?

Tentou levantar-se — e falhou. O corpo ainda era um peso estranho. Os músculos ardiavam como se tivessem caminhado por eras.

Quando tentou mover os dedos, ouviu vozes. Baixas. Mas claras.

— Ela se mexeu — disse Kael, mas não se moveu. Deixou que ela olhasse, respirasse. Reconhecesse.

— Lentamente — respondeu Elenna, erguendo uma das mãos com calma. — Devagar, Lyea. Você está a salvo, está segura agora. Está conosco.

"A salvo?" lyea pensou sentindo o velho instinto de defesa florescer — aquele que aprendeu a cultivar desde criança:

Não confie. Não ceda. Observe primeiro. Havia sempre segundas intenções. Até nas mãos que ofereciam ajuda.

Lyea permaneceu calada por longos segundos.

— Onde estou? Quem são vocês? — a voz saiu fraca, rouca.

— Já dissemos, sou Elenna, ele é Kael. Ainda está em Etherath. Mas fora da floresta. Encontramos você caída nas planícies.

— Não há "fora", Elenna — disse ela, com voz baixa. — A floresta vai comigo.

Kael franziu o cenho. Elenna a observou com mais atenção.

— Você se lembra do que aconteceu?

Lyea tocou a própria testa, depois o peito.

— Alguns pedaços. Um espelho. Uma figura... uma voz sem som. Tudo estava escuro. Mas eu... — pausa — Eu me senti em casa.

— Sabe o que era aquilo? — perguntou Kael, direto.

Lyea hesitou.

Então olhou para ele.

— Eu quebrei o mundo. Ou algo que mantinha o mundo inteiro. Mas... se foi culpa minha, então por que tudo já estava desmoronando?

Elenna e Kael se entreolharam.

— Você não está sozinha — disse Elenna. — Há quem procure por respostas. E há quem tente enterrá-las. A questão é... quem é você, Lyea?

Lyea mordeu os lábios.

— Eu... não sei. Mas sei que alguma coisa me conhece. Algo que existe... por trás de tudo isso.

— Esse “algo” é o que a fez cantar? — perguntou Kael.

Lyea olhou para o fogo.

As chamas dançavam como se ouvissem.

— Eu não canto. Mas... algo canta em mim. Como se eu fosse uma harpa esquecida... tocada pelo vento de uma era perdida.

Kael se inclinou, ainda com a expressão dura, mas sem ameaça.

— Você falava coisas antigas. Palavras que não se ouvem desde antes da Cisão.

— Eu não sei o que significam — confessou Lyea, ainda tensa. — Mas as lembro mesmo assim. Como se estivessem presas dentro de mim, tentando sair.

— Isso tem nome — disse Elenna, com cuidado. — Ecos. Fragmentos de eras enterradas. E você... está cheia deles.

Lyea estreitou os olhos.

— Por que estão me ajudando?

Kael e Elenna se entreolharam. Foi ele quem respondeu.

— Porque o mundo está quebrando. E você... parece ter encontrado a rachadura primeiro. Não te salvarmos seria o mesmo que abandonar nossa última chance de entender o que está vindo.

Ela estudou os dois.

Kael era pedra — duro, mas sólido. A dor estava em cada gesto dele, como marcas de cinzel.

Elenna era fogo — quente, mas controlado. Seus olhos tinham a curiosidade de quem já viu demais e continua perguntando.

"Eles não parecem mentir..."

"...mas nem tudo que é verdadeiro é seguro."

— Eu vi algo... — disse Lyea, finalmente. — Uma torre. Um espelho. Uma figura... que não tinha rosto. E quando ele falou, era como se o mundo... o mundo todo respirasse ao mesmo tempo.

O silêncio que veio depois não foi desconfortável. Foi respeitoso.

Kael e Elenna se entreolharam, como se concordando que no momento o melhor era deixa-la descansar.

Kael jogou mais madeira na fogueira.

Elenna folheava seu códice.

Lyea os observava — olhos ainda enevoados, mas já firmes.

— Vocês não deviam estar aqui — disse ela, de repente. — Aqueles que se aproximarem de mim... serão vistos.

Kael sorriu. Mas foi um sorriso cansado.

— Já fomos vistos há muito tempo, criança.

A diferença é que agora... temos onde olhar de volta.

Elenna fechou o códice com um estalo leve.

— Você quer respostas, Lyea?

Ela assentiu, devagar.

— Então venha conosco. A ruína que você abriu... está longe de ser a única. — disse Elenna estendendo a mão.

Lyea hesitou. Mas havia uma força estranha em suas palavras — como se recusá-las fosse negar a si mesma.

— Eu irei. Mas me prometam uma coisa...

— Qualquer coisa — disse Elenna.

— Se eu começar a mudar... Se eu deixar de ser quem sou... Me parem.

Kael não respondeu. Apenas assentiu, lentamente.

Elenna apertou sua mão.

— Só se você nos prometer que fará o mesmo por nós.

Kael se levantou, ajustando o braço mecânico.

— Amanhã partimos antes do sol nascer.

Elenna recolheu os mapas.

Lyca voltou a se deitar, olhando para o fogo como quem ouve os próprios ecos.

Ao longe, entre as rochas, algo os observava.

Mas ainda não se mostrava.